



## ENTREVISTA:

PETER

BURKE

---

**N**osso entrevistado desta edição é um profundo estudioso da escrita da História e divulgador das mais atualizadas tendências e metodologias do exercício historiográfico, seus estudos analisam as principais rupturas com a compartimentação de procedência positivista que muitas vezes ainda incide nas ciências humanas. Deste longo e profícuo trabalho resultam obras como “A Escola dos Annales” (1990), “A Escrita da História” (1991), “Hibridismo Cultural” (2003), “O que é História Cultural?”

(2004), “Testemunha Ocular” (2004), entre outros, que o tornaram “figurinha fácil” nos programas de pós graduação de todo o Brasil. Além de tudo o historiador inglês, não é de hoje, mantém um estreito relacionamento com o mundo universitário brasileiro. Tudo isso faz de Peter Burke e sua obra, na importância dos aspectos culturais do comportamento humano como cerne preponderante do saber histórico, um dos expoentes na reflexão da historiografia contemporânea. Esperamos que gostem tanto do “papo” como nós.

### 1-O que levou o senhor a se interessar por História?

Quando eu era criança, costumava brincar com meus soldadinhos de brinquedo com meus amigos, muito antes de computadores ou jogos eletrônicos. Comecei então a simular batalhas históricas com a ajuda de diagramas de um livro que ganhei, "Creasy's World Decisive Battles". Com o passar do tempo, meu interesse direcionou-se para armas e armaduras, e depois a arquitetura do período medieval, isto ocorreu quando cheguei a Oxford, como estudante, e me dediquei ao estudo da idade média até a renascença.

### 2-No Brasil a História "está na moda", um grande aumento do número de publicações destinadas ao público em geral. Como o senhor vê esta popularização da História?

Estou encantado com o público brasileiro, assim como o público de outros países (incluindo a Grã-Bretanha) que estão lendo mais sobre história do que antes, diria que tanto quanto assistem as séries sobre história da TV (pelo menos aqui). E ao que se deve isso? Em minha opinião, é devido ao rápido avanço tecnológico, tão rápido que as pessoas ficam desorientadas, e isso explica o tipo de história que são mais atrativas para as pessoas como as da vida privada e da cultura material, por exemplo, especialmente em um período não muito distante, tipo 100 anos ou menos.

### 3-O senhor se debruçou por muito tempo no estudo da História Cultural e da História Social. Em que sentido crê que elas nos ajudam a entender a função social do historiador?

No meu ponto de vista a maior tarefa para um historiador, é ser um intermediário, um tipo de tradutor entre o passado e o presente, com um olhar particular sobre o passado, como diria um famoso escritor inglês, um olhar de um estrangeiro, cujo a visão da história é diferente. A história cultural é necessária não só para sua própria existência, mas para ajudar as pessoas de hoje a entender todo um passado, incluindo o passado político, porque as políticas mudam (e com elas as regras do jogo) e então são criadas novas suposições e novas mentalidades.



### 4-Nos últimos tempos muitos jornalistas têm escrito livros sobre temas e personalidades históricas. Como o senhor vê este tipo de produção?

Não acho que os historiadores tenham ou devam ter o monopólio da escrita da história. Jornalistas são bem vindos à escrita da história, desde que sejam capazes de realizá-las com competência. Alguns o fazem muito bem, especialmente quando se referem a um passado recente (Um bom exemplo é o do britânico Peter Marr), já outros não o fazem tão bem ....

### 5-Em comparação com outros historiadores europeus, o senhor tem uma relação bem próxima ao Brasil, esta relação influenciou sua produção? Como foi esta relação?

Eu tenho um relacionamento muito próximo com o Brasil desde 1986, quando da minha primeira visita à USP. Casei com uma brasileira professora desta universidade, em 1989 e, desde então, tenho visitado o Brasil todos os anos, algumas vezes por longos períodos e em uma certa ocasião por um ano inteiro. Comecei a ler sobre a história brasileira, o que me levou a escrever, junto com minha esposa, Maria Lúcia, sobre

um estudo de Gilberto Freyre, por quem me interessei, desde que conheci o seu trabalho na Inglaterra, em 1965, na universidade onde lecionava. (Universidade de Sussex)

**6-O senhor acha que a produção clássica brasileira, como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre tem algo a contribuir para a produção historiográfica europeia?**

Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda são brilhantes, eu sempre recomendo outros historiadores europeus a lê-los, mesmo que não sejam especialistas em América do Sul. Pode-se dizer que eles contribuíram para a historiografia mundial.

**7-Livros de sua autoria como “A Revolução Historiográfica Francesa”, “A Escola dos Annales: (1929 - 1989)”, “A Escrita da História”, “O que é história cultural”, entre outros, além de vários artigos, tratam com constância tanto das formas de se escrever a História como da História da História. Qual a importância para o iniciante nos estudos da História destes temas?**

Os iniciantes nos estudos de história devem ser cômicos que a matéria a qual eles estudam, tem uma história, que as pessoas tem diferentes dúvidas sobre o passado ou escritas sobre o passado de diferentes maneiras e de diferentes períodos (e lugares). Existe o perigo de se pensar que a abordagem histórica atual é a melhor, ou talvez a pior ou até que seja a única possível!!

**8-Qual conselho o senhor daria para um estudante iniciante no curso de História?**

Seja crítico, questione por que o autor do livro que você está lendo aborda o seu assunto de determinada forma, questione qual é a evidência das demonstrações do livro, e, se, se uma determinada afirmação é importante para você, volte – se para as fontes usadas pelo autor. Não pense que existe uma maneira correta de escrever a história. Para um novato brasileiro, eu gostaria de dizer para se ter um interesse na história do mundo além do Brasil (muito poucos historiadores brasileiros estudam em outros países!)



*“Neste universo que se expande e se fragmenta, há uma necessidade crescente de orientação. O que é a chamada nova história? Quando ela é nova? É um modismo temporário ou uma tendência de longo prazo? Ela irá – ou deverá – substituir a história tradicional, ou as rivais podem coexistir pacificamente?” (Peter Burke)*